



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL

P 011

PROC.-	011
LIV.-	01
PAG.-	154
REG.-	4935

"AS CARAVELAS"

PEÇA TEATRAL

Atuação

Anexos: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

AS CARAVELAS
Sylvia Orthof e SANTIAGO NAUD

Distribuição

66

**Coligação das
Sociedades de Autores, Compositores e Editores de Música**

SÉDE - RUA BUENOS AIRES, 58 - LOJA - RIO DE JANEIRO

Brasília, 21 de Junho de 1.966

Exmo. snr.
Dr. A. Romero Lago
M.D. Chefe do S.C.D.P. do D.F.S.P.

881

A SOCIEDADES BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS,
(S B A T) vem mui respeitosamente por meio desta apresentar à apreciação de V.Exçia., para as providencias que se fazem necessássárias. (Censura dos textos) a obra " As Caravélas " de autoria de n/ associados srs. Dna. SYLVIA ORTHOF e SANTIAGO NAUD .

N. Termos -

P. deferimento -

p.p. SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Edson Falbo
Edson Falbo - Representante geral -

M. J. N. I. — D. F. S. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Protocolo N.º 3694

Em 21 / 06 / 1966

Interessado SBACEM

Protocollista F.

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

Em _____ de _____ de 19 _____

Ao censor Alcas,
para examinar e
emitir parecer.

Em 21.06.66

Wagner dos
Santos
Chefe de Serviço de Caus. T. e Cong.

POEMAS que serão anexados ao espetáculo As Caravelas,
do CIEM - UNB, para serem submetidos à censura:

(1)

Introito cantiga para a poetisa
Florbela Espanca

Florbela Espanca
Cantou seu canto
De desespero
Cantou seu canto
De amor ao mar
Cantou tristeza
Desilusão
Florbela Espanca
Rosa-Menina

(2)

Introito cantiga para o AUTO DE TODO O
MUNDO E NINGUÉM, de Gil Vicente

Neste mundo aflito
Em que vivemos
Que nos mude a sorte
Ou azar
Todo-o-Mundo só quer riquezas
Mas Ninguém quer
trabalhar... trabalhar... trabalhar
Todo-o-Mundo só quer riquezas
Mas Ninguém quer é
Trabalhar... trabalhar!

(3)

Poema Verde-Negro, de Manuel Bandeira

Dever de ver
 Tudo verde,
 Tudo negro.
 Verde...
 Negro...
 Muito verde,
 Muito negro,
 Ver de dia,
 Ver de noite,
 Negro dia!
 Verde...
 Negro...
 Verdes vós!
 Verem êles!
 Virem êles!
 Virdes vós!
 Verem todos!
 Tudo negro,
 Tudo verde.
 Verde...
 Negro...

(4)

(Ligação entre o poema Verde-Negro e
 o poema Eterno)
 - de José Augusto Guerra

Não falemos dos mares nunca dantes navegados.

As caravelas de ontem, pequenas, que por acaso deram à praia, ainda estão lá, na memória das espumas e dos búzios coloridos. Renovam-se os marulhos. E as marolas ainda hoje transmitem a história das velas gordas, "as velas gôncevas inchando" que um dia chegaram, manhãzinha, diante da terra verde.

Outros homens navegaram. Foram chegando, foi saindo, bitmo de barco que ~~se~~ se renova sobre as águas. Penetraram terra a dentro ainda em caravelas e, subindo o lento calendário do tempo, chegaram até nossos dias, transfigurados.

1

Éis o ritmo eterno das águas do mar. Nas jovens cabeleiras de hoje, o vento sopra, como ontem soprava as Velas e os cabelos dos homens de Cabral. Vento de muitos nomes para esta criatura que tanto anseia renovar, inovar, inventar, recriar, e termina, ao fim da noite, de sua noite, convicto de que sua presença, ainda que fugaz, é real. É real sua presença no rio do tempo, cheio de Eternidade.

Nada impede a avanço
ao original. Libere-se, som. 2.
de Chapo do St. D. P.
Branco, 1 de York de 1916
M. J. J. J.

Nº 898/66

898

"AS CARAVELAS/"

(PEÇA TEATRAL)

CENTRO DE ENSINO MÉDIO (SIEM)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

LIVRE

X-X-X-X-X.

DE 08 DE JULHO À 30 DE AGOSTO DE 1966.

O.M.F.

07

JULHO

66.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
Serviço de Censura de Diversões Públicas

FICHA DE CENSURA Nº _____/_____

Título do filme : "AS CARAVELAS"

- PEÇA TEATRAL -

Diretor : _____

Gênero :

Policial	<input type="checkbox"/>	Western	<input type="checkbox"/>	Comédia	<input type="checkbox"/>	Terror	<input type="checkbox"/>	Musical	<input type="checkbox"/>
Ficção	<input type="checkbox"/>	Drama	<input type="checkbox"/>	Científico	<input type="checkbox"/>	Documentário	<input type="checkbox"/>	TV	<input type="checkbox"/>
Atualidade	<input type="checkbox"/>	Seriado	<input type="checkbox"/>	Desenho	<input type="checkbox"/>				

Metragem : _____ Nacionalidade : _____

Sistema : _____

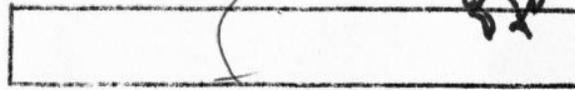
Entrecho : Ev. Chefe do SEDP:

Crítica artística : Embora tenham examinado detidamente o assunto através do "script" não se marcou data e hora para encenação, a fim de que possam opinar com precisão sobre a matéria.

Apreciação técnica : _____

Apreciação moral : _____

Restrições : _____



*Atenção a encenação "script" + "texto".
Fica a mesma peça geral.
Referência de D. F. 7. Julho. 66
Stacy*

Brasília, DF., 30 de Maio, de 1966

[Assinatura]
Censor

Universidade de Brasília

CIEM.D.313/66

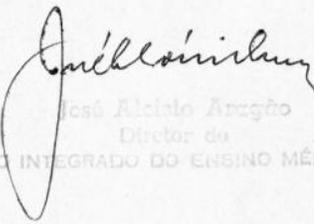
C - 898

Brasília, 8 de julho de 1966.

Senhor Chefe:

Solicito de Vossa Senhoria seja examinada e conseqüente - mente liberada por êsse Serviço de Censura, a peça anexa, "AS CARAVELAS", a ser representada em Arcozêlo (Est. do Rio) e Rio de Janeiro, em julho e agosto do corrente ano, pelo "Grupo de Teatro" dêste Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM), da Universidade de Brasília.

Ao ensejo, apresento a Vossa Senhoria meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

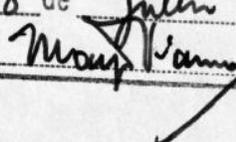

José Alcindo Aragão
Diretor do
CENTRO INTEGRADO DO ENSINO MÉDIO - CIEM

Ilustríssimo Senhor

Dr. ANTÔNIO ROMERO LAGO

DD. Chefe do Serviço de Censura do Distrito Federal.

NESTA.

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 8 de julho de 1966




SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 139925

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: AS CARAVELAS

Original de _____

Música de _____

Tradução de _____

No Teatro ENSINO MÉDIO Cidade Plano Piloto

Empresa _____ Pela Cia. _____

nos dias entre julho e agosto 1966

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília — 8 de Julho de 1966

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Clavet, e. m. g.
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

adendo de "AS CARAVELAS"

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Depois da "Nau Catarineta"

Manuel Bandeira

Bão - Ba la lão
Senhor Capitão
Tirai este peso
Do meu coração!
Não é de tristeza
Não é de aflicção
É só de esperança
Senhor Capitão!
A aérea esperança
Aérea, pois não!
Peso mais pesado
Não existe não!
Ah! Livrai-me d'ele
Senhor Capitão!



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM
TEATRO DE MÁSCARA
- TEMA -

A S

C A R A V E L A S

Escolha de textos: .

SYLVIA ORTHOF

com a contribuição de
SANTIAGO NAUD do Centro
Brasileiro de Estudos -
Portuguêses da Universi
dade de Brasília.

Supervisão musical: João Luiz

A U T O R E S

- I Equipe
- II Canções
- III Equipe
- IV Florbela Espanca
- V Equipe
- VI Canções
- VII Manuel Bandeira
- VIII Fernando Pessoa
- IX "Nau Catarineta" - folclore português
- X Pero Vaz Caminha
- XI Equipe
- XII Cami
- XIII Cassiano Ricardo
- XIV Equipe
- XV Santiago Naud
- XVI Equipe
- XVII Gil Vicente

-:-:-:-:-:-:-:-

Responsabilidade musical - João Luiz

AS CARAVELAS

Palco às escuras. Música. Barulho de ondas e ventos.

Cenário: Estilização de velas e cordas.

Ao abrir-se o pano ouvem-se vozes ao longe, como de marinheiros gritando: As Caravelas! As Caravelas! As Caravelas!

Abre-se o pano.

I -(Equipe)

1ª Sombra

Viemos nas caravelas e nos ventos

Nascemos da fé dos navegantes

E cá estamos jovens, como antes!

2ª Sombra

Em vão as ondas batem nos navios ,

Em vão naufrágios matam desvarios

Brasil nasceu de vós, das caravelas,

Branças, nebulosas, corajosas.

3ª Sombra

Caravelas de Portugal,

Fora do tempo.

Todo o tempo é tempo

De acreditar.

II - (Camões)

Slide - Os Lusíadas

de Luis de Camões

com privilégio Real-

Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição.

(Slide projetado numa das velas)

(Entra um ator representando Camões)

CAMÕES

"No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enroquecida, e não do canto, mas de ver que venho cantar a gente surda e endurecida"...

III - Equipe

1ª Sombra

(entra pela platéia e fala ao público) Senhoras e Senhores, sois endurecidos?

2ª Sombra

Gente surda e endurecida

Ouvi o nosso canto

Destemperada é a lira

Somos jovens como antes

Côro

Como antes era os navegantes.

(EXEUNT SOMBRAS)

Música

IV - (Florbela Espanca)

Mulher

(com chael negro): Perdi os meus fantásticos castelos
 Como névoa distante que se esfuma...
 Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los.
 Quebrei as minhas lanças uma a uma!
 Perdi minhas galeras entre os gêlos
 Que se afundaram sôbre o mar de bruma...
 - Tantos escolhos! Quem podia vê-los?
 Deitei-me ao mar e não salve nenhuma!
 Perdi a minha taça, o meu anel,
 A minha cota de aço, o meu corcel,
 Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...
 Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
 Sôbre o meu coração pesam montanhas...
 Olho assombrada as minhas mãos vazias...
 (foco sôbre as mãos)

V - (EQUIPE)

1ª Sombra

De Veleiros e caravelas

Viemos, navegantes,

Sôbre mares, sôbre terras

Brasileiros - Portugêses,

Como antes

V - cont..

(Música com motivo marítimo) - João Luiz

VI - (Canções)

" Cessem do sábio Grego e do Troiano
 As navegações grandes que fizeram,
 Cale-se de Alexandro e de Trajano
 A fama das vitórias que tiveram;
 Que eu canto o peito ilustre lusitano
 A quem Netuno e Marte obedeceram.
 Cesse tudo o que Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta!"

(EXIT)

VII - (Manuel Bandeira)

(Mímica com máscaras - acompanhamento de violão)
 Rei e sereias. -

VOZ.

Balada do Rei das Sereias.

O rei atirou
 Seu anel no mar
 E disse às sereias:

Ator: Ide-o lá buscar,
 Que se não o trouxerdes,
 Virareis espuma
 Das ondas do mar!

Voz: Foram as sereias,
 Não tardou, voltaram
 Com o perdido anel.
 Maldito capricho
 De rei tão cruel!
 O rei atirou
 Grão de arroz ao mar
 E disse às sereias:

Ator:

Ide-o lá buscar,
Que se os não troxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Voz:

Foram as sereias (mímica)
Não tardou voltaram,
Não faltava um grão.
Maldito o capricho
Do mau coração!
O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse as sereias:

Ator:

Ide-a lá buscar,
Que se não a trouxerdes
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Voz: Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...
Viraram espuma
Das ondas do mar.

VIII - (Fernando Pessoa)

(Entram mulheres com chales negros e falam em câro)

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar,

(Voz masculina): Para que fôsse nosso, ó mar!

(Câro) : Valeu a pena?

Ator: Tudo vale a pena,
Se a alma não é pequena...

(EXEUNT)

(Acompanhamento de música folclórica portuguesa)
(Ritmo de farsa)

A NAU CATARINETA

2ª Sombra

Lá vem a Nau Catarineta!
Quem tem muito o que contar!
Ouvi agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Narradoras:

- 1ª Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar;
Já não tinham o que comer,
Já não tinham o que manjar.
- 2ª Deitaram sola de mólho
Para o outro dia jantar;
- 1ª Mas a sola era tão rija
Que não puderam (cospe) tragar.
- 2ª Deitam sorte à ventura
Qual se havia de matar;
- 1ª Logo foi cair a sorte
No capitão general.

-x-x-x-x-

Capitão Sobe, Sobẽ marujinho,
Aquele mastro real?
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal;

(Tôdas as falas do marujo são ditas de costa)

Marujo Não vejo terras de Hespanha
Nem praias de Portugal
Vejo Sete espadas nuas
Que estão para te matar

Capitão
 Acima, ao tope real
 Acima, acima gajeiro
 Olha se enxergas Hespanha
 Arcias de Portugal

Marujo
 Já vejo terras de Hespanha
 Arcias de Portugal
 Mais enxergo 3 meninas
 Debaixo de um laranjal

1ª Uma sentada a boser

2ª Outra na roca afiar

1ª e 2ª: A mais formosa de tôdas
 Está no meio a chorar

Capitão
 Tôdas três são minhas filhas!
 Oh! quem m'as dera abraçar!
 A mais formosa de tôdas
 Contigo a hei de casar.

Marujo -
 A vossa filha não quero
 Que vos custou a criar

Capitão -
 Dar-te-ei tanto dinheiro
 Que não o possas contar

Marujo -
 Não quero o vosso dinheiro
 Pois vos custou a ganhar

Capitão
 Dou-te o meu cavalo branco
 Que nunca houve outro igual

Marujo
 Guardai o vosso cavalo
 Que vos custou a ensinar

Capitão
 Dar-te-ei a nau Catarineta
 Para nela navegar

Marujo
 Não quero a Nau Catarineta
 Que não a sei governar

Capitão
 Que queres tu, meu gajeiro
 Que alvíssaras te hei de dar?

XII -(Caimi)

(Cantiga)

Quem vai pra beira do mar, oi
 Nunca mais quer voltar, oi...
 Andei, por andar andei
 E todo o caminho foi dar no mar
 Andei por andar andei,
 Nas águas de Dona Janaína
 A onda do mar leva
 A onda do mar traz
 Quem vai pra beira de praia, meu bem
 Não volta nunca mais!

XIII -(Cassiano Ricardo)

Côro: A esperança mora a Oeste!..
 Voz: Branca no espírito de aventura,
 na direção, no grito de comando?
 índia no movimento
 e africana nos pousos, nas lavouras,
 ou em tórno das minas, a bandeira
 não era tanto uma cidade em marcha
 senão uma democracia viva, obscura
 e ainda espectral, no senho e loucura.

Côro: Como que a voz do oeste lhes falava
 ainda tonta do rumor matutino:

Voz: Só não irão
 os que não ouvem a chamada do destino!
 os que não vêm, os que não sentem nada
 além desta floresta, além desta alvorada!
 os que morreram em si mesmos
 sem o ímpeto inicial da caminhada!
 os que a distância não convida
 pra conhecer o outro lado da vida!
 os que o curiango não espera...
 os que a ilusão não acompanha!
 os que se sentem presos na montanha!

(Música)

Côro: Ó vermelha manhã
tôda cheia de uiaras
com gritos de araras
quando todo Brasil era um simples rumor de
águas claras!

XV - (Equipe)

(Sonoplastia)

Côro misto: Ela veio depois
Assim, no meio do mundo,
como criança brincando...
Nas alvas, alva alvorada
- Brasília das alvas velas.
Vela branca contra o sol!

Côro fem.: Mundo novo - mundo antigo!
Caravela adivinada
ancorada no planalto,
com saudades da água verde,
iluminando o cerrado
com seu lago fabricado.

Côro masc.: Mundo antigo - mundo novo!
Novo sonho é que nos faz.
Brasil nascendo de novo.
O mar ficou pequenino.
Nossa esperança é maior.

(projeção de slide com o "Plano Pilôto", flou, que vai firmando os contornos à medida que as vozes evoluem, para um final de perfeita nitidez)

XVI - (Santiago Naud)

Voz fem.: Aqui, frete à cruz,
que, ao profano se arqueando,
seu braço movimenta, e voa
ancorada,
construo-me ao teu contato.

(cont.)

Ser no deserto,
 ordem no inerte,
 contraforte da possessão do mar, ò numerosa,
 somos a razão vulnerável de te achar

una,

após tantas mãos, agitadas.
 Eras de pedra
 até o momento da nossa anuência,
 das vozes pronunciadas sôbre tuas formas
 como um signo inscrito,
 como um rito, que o espaço te irrompe,
 quando

nua clara precisa
 a saudade enfim te enlaçou
 de frêmito e ânsia.

Em nosso território repetimos
 teu puro existir
 e assim nos arrastas, consentida,
 vida sentida
 entre tanta extensão
 e silêncios tão árduos.

Voz masc. - Às vêzes duramos o puro instante
 e ficamos, inertes as mãos,
 incipientes ante tanta distância.
 Que nos adianta a terra,
 seus movimentos, o vento
 vazio nas frondes silenciosas,
 perguntamos.

É quando levantas, arco ou nave,
 dourada
 no meio das sombras e iluminas o tempo.
 Adias nossa tristeza
 (dona estranha das coisas)
 até o momento em que
 de vida inserimos o espaço
 e ao trabalho somamos tua nova energia
 iluminando a noite
 que, frente a nós, mora
 vencida
 e imensa.

(agora irrompe a ciranda, com música viva)

Côro misto Na ronda enorme
 que a extensão dorme,
 na onda vasta
 que o tempo arrasta,
 tudo renova,
 tudo se agita.
 E em vão palpita
 se, em dura prova,
 homem não acha,
 na larga faixa
 do seu viver,
 vivo saber,
 dimensão nova.

Voz (longínqua, misteriosa - talvez feminina)

- Este, que aqui aportou,
 Foi por não ser existindo.
 Sem existir nos bastou.
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos criou.

Côro misto- (volta a ronda)
 E a ronda volta
 tôdas as voltas
 do seu volver.
 Não esquecer,
 que estiola e mata
 o malquerer.
 Antes viver
 o que na vida
 outros viveram
 com igual história,
 e hoje - na glória
 em que jazeram
 tornam com vida
 para viver...

(projeção das colunas do Alvorada e das Naus do Descobrimento)

Voz E ensinar, sem cansaço,
 quanto as velas sugerem
 e as colunas
 firmam como lição.

(Cessa tudo - silêncio)
(Música)

Entram "Todo-Mundo" e Ninguém, com as tabuletas)

Ninguém - Gil Vicente o autor
me fêz seu embaixador.
Mas eu tenho na memória
que para tão alta história
nasceu mui baixo doutor.

(PAUSA)

(Música)

(Entra Todo-Mundo como se estivesse a procura de alguma coisa.)

NINGUÉM - Que andas tu aí buscando?

TUDO O MUNDO - Mil coisas ando a buscar:
Delas não posso achar
Porém ando perfurando
Por que é bom perfurar.

NINGUÉM - Como há nome cavalheiro?

TUDO O MUNDO - Eu hei nome TODO O MUNDO
e meu tempo todo inteiro
sempre é buscar dinheiro
E sempre nisto me fundo.

NINGUÉM- Eu hei nome Ninguém
e busco a consciência

BELZEBÚ - Esta é boa experiência:
Dinato, escreve isto bem.

DINATO - Que escreverei, companheiro?

BELZEBU - Que Ninguém busca consciência
E Todo o Mundo dinheiro.

NINGUÉM - E agora que buscas lá?

TUDO O MUNDO- Busco honras.

NINGUÉM- E eu virtude, que Deus mande que tope com ela já.

BELZEBÚ - Outra adição nos acude
escreve logo aí a fundo.

cont.

BELZEBÚ - Que honras busca Todo o Mundo
E Ninguém busca virtude

NINGUÉM - Buscas outro bem mor que êsse.

TODO O MUNDO - Busco mais quem me louvasse
Tudo quando eu fizesse.

NINGUÉM - E eu quem me repreendesse
Em cada coisa que errasse

BELZEBU - Escreve mais

DINATO - Que tens sabido?

BELZEBÚ - Que quer em extremo graço
Todo o Mundo ser louvado
E Ninguém repreendido

NINGUÉM - Buscas mais, amigo meu?

TODO O MUNDO - Busco a vida e quem ma dê?

NINGUÉM - A vida não sei o que é,
a morte conheço eu.

BELZEBU - Escreve lá outra sorte

DINATO - Que sorte?

BELZEBU - Mui garrida:
Todo o Mundo busca a vida
E Ninguém conhece a morte

TODO O MUNDO - E mais queria o paraíso
Sem mo ninguém estorvar.

NINGUEM - E eu ponho-me a pagar,
Quanto devo para isso.

BELZEBÚ - Escreve com muito aviso

DINATO - Que escreverei?

BELZEBÚ - Escreve: que Todo o Mundo quer paraíso e
Ninguém paga o que deve.

(Música Final)

F - I - M

tn

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM
TEATRO DE MÁSCARA
- TEMA -

A S

C A R A V E L A S

Escolha de textos: .

SYLVIA ORTHOF
com a contribuição de
SANTIAGO NAUD do Centro
Brasileiro de Estudos -
Portuguêses da Universidade
de Brasília.

Supervisão musical: João Luiz

A U T O R E S

- I Equipe
 II Camões
 III Equipe
 IV Florbela Espanca
 V Equipe
 VI Camões
 VII Manuel Bandeira
 VIII Fernando Pessoa
 IX "Nau Catarineta" - folclore português
 X Pero Vaz Caminha
 XI Equipe
 XII ~~Caçari~~ *JOÃO LUIZ e Hugo Almeida*
 XIII Cassiano Ricardo
 XIV Equipe
 XV Santiago Naud
 XVI Equipe
 XVII Gil Vicente

Carlos Drummond de Andrade
JORGE de Lima
Asceugo Ferreira

Sylvia Orthof

Responsabilidade musical - João Luiz

músicas e letras de João Luiz e Hugo Almeida

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM

ORIENTAÇÃO - A C R E

- P A R T E I -

JORGE de LIMA

Era uma vez um povo de marujos
que quiz passar às Índias impossíveis,
dobrando cabos, moçambiques, bancos,
nadando em Áfricas desertas e armadilhas

Oh, herança em meu sangue devastado!
Oh! piloto afogado, oh! rei sem nau.

E outros reinos gerados em bonanças
com seus ares, seus largos oceanos,
e seus montes ocultos sob as ondas,
e outras ondas ocultas sob as águas
da superfície que eram êsse vidro
do olhar das gentes simples debruçadas.

Oh! passadas vivências, dou-vos graças,
pela vaga aventura entre os assombros
pelo pronto cedido, pelas dúvidas,
pela vida rasgada, pelas tréguas
pelos contos ouvidos nos silêncios.
Oh! passadas vivências, dou-vos graças!

AS CARAVELAS

Palco às escuras. Música. Barulho de ondas e ventos.

Cenário: Estilização de velas e cordas.

Ao abrir-se o pano ouvem-se vozes ao longe, como de marinheiros gritando: As Caravelas! As Caravelas! As Caravelas!

Abre-se o pano.

I -(Equipe)

1ª Sombra

Vimos nas caravelas e nos ventos

Nascemos da fé dos navegantes

E cá estamos jovens, como antes!

2ª Sombra

Em vão as ondas batem nos navios ,

Em vão naufrágios matam desvarios

Brasil nasceu de vós, das caravelas,

Branças, nebulosas, corajosas.

3ª Sombra

Caravelas de Portugal,

Fora do tempo.

Todo o tempo é tempo

De acreditar.

II - (Camões)

Slide - Os Lusíadas

de Luis de Camões

com privilégio Real-

Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição.

(Slide projetado numa das velas)

(Entra um ator representando Camões)

CAMÕES

"No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enroquecida, e não do canto, mas de ver que venho cantar a gente surda e endurecida"...

III - Equipe

1ª Sombra

(entra pela platéia e fala ao público) Senhoras e Senhores, sois endurecidos?

2ª Sombra

Gente surda e endurecida

Ouvi o nosso canto

Destemperada é a lira

Somos jovens como antes

Côro

Como antes era os navegantes.

(EXEUNT SOMBRAS)

Música

IV - (Florabela Espanca)

Mulher

(com chael negro): Perdi os meus fantásticos castelos
 Como névoa distante que se esfuma...
 Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los.
 Quebrei as minhas lanças uma a uma!
 Perdi minhas galeras entre os gêlos
 Que se afundaram sôbre o mar de bruma...
 - Tantos escolhos! Quem podia vê-los?
 Deitei-me ao mar e não salve nenhuma!
 Perdi a minha taça, o meu anel,
 A minha cota de aço, o meu corcel,
 Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...
 Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
 Sôbre o meu coração pesam montanhas...
 Olho assombrada as minhas mãos vazias...
 (foco sôbre as mãos)

V - (EQUIPE)

1ª Sombra

De Veleiros e caravelas

Viemos, navegantes,

Sôbre mares, sôbre terras

Brasileiros - Portugêses,

Como antes

V - cont.

(Música com motivo marítimo) - João Luiz

VI - (Canções)

"Cessem do dábrio Grego e do Troiano
 As navegações grandes que fizeram,
 Cale-se de Alexandro e de Trajano
 A fama das vitórias que tiveram;
 Que eu canto o peito ilustre lusitano
 A quem Netuno e Marte obedeceram.
 Cesse tudo o que Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta!"

(EXIT)

VII - (Manuel Bandeira)

(Mímica com máscaras - acompanhamento de violão)
 Rei e sereias. -

VOZ

Balada do Rei das Sereias.

O rei atirou
 Seu anel no mar
 E disse às sereias:

Ator: Ide-o lá buscar,
 Que se não o trouxerdes,
 Virareis espuma
 Das ondas do mar!

Voz: Foram as sereias,
 Não tardou, voltaram
 Com o perdido anel.
 Maldito capricho
 De rei tão cruel!
 O rei atirou
 Grão de arroz ao mar
 E disse às sereias:

Ator:

Ide-o lá buscar,
Que se os não troxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Voz:

Foram as sereias (mímica)
Não tardou voltaram,
Não faltava um grão.
Maldito o capricho
Do mau coração!
O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse as sereias:

Ator:

Ide-a lá buscar,
Que se não a trouxerdes
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Voz: Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...
Viraram espuma
Das ondas do mar.

VIII - (Fernando Pessoa)

(Entram mulheres com chales negros e falam em côro)

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar,

(Voz masculina): Para que fôsse nosso, ó mar!

(Côro) : Valeu a pena?

Ator: Tudo vale a pena,
Se a alma não é pequena...

(EXEUNT)

(Acompanhamento de música folclórica portuguesa)
(Ritmo de farsa)

A NAU CATARINETA

2ª Sombra

Lá vem a Nau Catarineta!
Quem tem muito o que contar!
Ouvi agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Narradoras:

- 1ª Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar;
Já não tinham o que comer,
Já não tinham o que manjar.
- 2ª Deitaram sola de mólho
Para o outro dia jantar;
- 1ª Mas a sola era tão rija
Que não puderam (cospe) tragar.
- 2ª Deitam sorte à ventura
Qual se havia de matar;
- 1ª Logo foi cair a sorte
No capitão general.

-x-x-x-x-

Capitão Sobe, Sobz marujinho,
Aquele mastro real?
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal;

(Tôdas as falas do marujo são ditas de costa)

Marujo Não vejo terras de Hespanha
Nem praias de Portugal
Vejo Sete espadas nuas
Que estão para te matar

Capitão Acima, ao tope real
 Acima, acima gajeiro
 Olha se enxergas Hespanha
 Arcias de Portugal

Marujo Já vejo terras de Hespanha
 Arcias de Portugal
 Mais enxergo 3 meninas
 Debaixo de um laranjal

1ª Uma sentada a coser

2ª Outra na roca afiar

1ª e 2ª: A mais formosa de tôdas .
 Está no meio a chorar

Capitão Tôdas três são minhas filhas!
 Oh! quem m'as dera abraçar!
 A mais formosa de tôdas
 Contigo a hei de casar.

Marujo - A vossa filha não quero
 Que vos custou a criar

Capitão - Dar-te-ei tanto dinheiro
 Que não o possas contar

Marujo - Não quero o vosso dinheiro
 Pois vos custou a ganhar

Capitão Dou-te o meu cavalo branco
 Que nunca houve outro igual

Marujo Guardai o vosso cavalo
 Que vos custou a ensinar

Capitão Dar-te-ei a nau Catarineta
 Para nela navegar

Marujo Não quero a Nau Catarineta
 Que não a sei governar

Capitão Que queres tu, meu gajeiro
 Que alvissaras te hei de dar?

XII --(Caimi)

(Cantiga)

Quem vai pra beira do mar, oi
 Nunca mais quer voltar, oi...
 Andei, por andar andei
 E todo o caminho foi dar no mar
 Andei por andar andei,
 Nas águas de Dona Janaína
 A onda do mar leva
 A onda do mar traz
 Quem vai pra beira de praia, meu bem
 Não volta nunca mais!

XIII --(Cassiano Ricardo)

Côro: A esperança mora a Oeste!..
 Voz: Branca no espírito de aventura,
 na direção, no grito de comando?
 índia no movimento
 e africana nos pousos, nas lavouras,
 ou em tórno das minas, a bandeira
 não era tanto uma cidade em marcha
 senão uma democracia viva, obscura
 e ainda espectral, no sonho e loucura.

Côro: Como que a voz do oeste lhes falava
 ainda tonta do rumor matutino:

Voz: Só não irão
 os que não ouvem a chamada do destino!
 os que não vêm, os que não sentem nada
 além desta floresta, além desta alvorada!
 os que morreram em si mesmos
 sem o ímpeto inicial da caminhada!
 os que a distância não convida
 pra conhecer o outro lado da vida!
 os que o curiango não espera...
 os que a ilusão não acompanha!
 os que se sentem presos na montanha!

-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

(Música)

Côro: Ó vermelha manhã
tôda cheia de uiaras
com gritos de araras
quando todo Brasil era um simples rumor de
águas claras!

XV - (Equipe)

(Sonoplastia)

Côro misto: Ela veio depois
Assim, no meio do mundo,
como criança brincando...
Nas alvas, alva alvorada
- Brasília das alvas velas.
Vela branca contra o sol!

Côro fem.: Mundo novo - mundo antigo!
Caravela alucinada
ancorada no planalto,
com saudades da água verde,
iluminando o cerrado
com seu lago fabricado.

Côro masc.: Mundo antigo - mundo novo!
Novo sonho é que nos faz.
Brasil nascendo de novo.
O mar ficou pequenino.
Nossa esperança é maior.

↑
PREVALECE.

(projeção de slide com o "Plano Pilôto", flou, que vai firmando os contornos à medida que as vozes evoluem, para um final de perfeita nitidez)

XVI - (Santiago Naud)

Voz fem.: Aqui, frete à cruz,
que, ao profano se arqueando,
seu braço movimenta, e voa
ancorada,
construo-me ao teu contato.

(cont.)

Ser no deserto,
 ordem no inerte,
 contraforte da possessão do mar, ò numerosa,
 somos a razão vulnerável de te achar

una,

após tantas mãos, agitadas.

Eras de pedra

até o momento da nossa anuência,

das vozes pronunciadas sôbre tuas formas

como um signo inscrito,

como um rito, que o espaço te irrompe,

quando

nua clara precisa

a saudade enfim te enlaçou

de frêmito e ânsia.

Em nosso território repetimos

teu puro existir

e assim nos arrastas, consentida,

vida sentida

entre tanta extensão

e silêncios tão árduos.

Voz masc. - As vêzes duramos o puro instante
 e ficamos, inertes as mãos,
 ineficientes ante tanta distância.
 Que nos adianta a terra,
 seus movimentos, o vento
 vazio nas frondes silenciosas,
 perguntamos.

É quando levantas, arco ou nave,

dourada

no meio das sombras e iluminas o tempo.

Adias nossa tristeza

(dona estranha das coisas)

até o momento em que

de vida inserimos o espaço

e ao trabalho somamos tua nova energia

iluminando a noite

que, frente a nós, mora

vencida

e imensa.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM

ORIENTAÇÃO - A C R E

- E T E R N O -
=====

(Carlos Drummond de Andrade)

E como ficou chato ser moderno.
Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!
O Padre Eterno,
a vida eterna
o fogo eterno.

(Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie).

- O que é eterno, Yayá Lindinha?
- Ingrato! é o amor que te tenho.

Eternalidade eternite eternaltivamente
eternuávamos
eternissíssimo

A cada instante se criam novas categorias do eterno.

Eterna é a flôr que se fana
se soube florir
é o menino recém nascido
antes que lhe dêem nome
e lhe comuniquem o sentimento do efêmero
é o gesto de enlaçar e beijar
na visita do amor às almas
eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo
mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata

é minha mãe em mim que a estou pensando
de tanto que a perdi de não pensá-la
é o que se pensa em nós se estamos loucos

É tudo o que passou, porque passou
É tudo o que não passa, pois não houve
eternas as palavras, eternos os pensamentos; e passageiras as obras.

Eterno, mas até quando? é êsse marulho em nós de um mar profundo.
Naufragamos sem praia; e na solidão dos botos afundamos.
E tentação e vertigem; e também a piruêta dos Óbrios.

Eternos! Eternos, miseravelmente.
O relógio no pulso é nosso confidente.

Mas não quero ser senão eterno.
Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma essência
ou nem isso.
e que não fique o chão nem fique a sombra
mas que a precisão urgente de ser eterno bóie como uma esponja no céos
e entre oceanos de nada
gere um ritmo.

/J.A.C.O

(agora irrompe a ciranda, com música viva)

Côro misto Na ronda enorme
 que a extensão dorme,
 na onda vasta
 que o tempo arrasta,
 tudo renova,
 tudo se agita.
 E em vão palpita
 se, em dura prova,
 homem não acha,
 na larga faixa
 do seu viver,
 vivo saber,
 dimensão nova.

Voz (longínqua, misteriosa - talvez feminina)

- Este, que aqui aportou,
 Foi por não ser existindo.
 Sem existir nos bastou.
 Por não ter vindo foi vindo
 E nos criou.

Côro misto- (volta a ronda)
 E a ronda volta
 tôdas as voltas
 do seu volver.
 Não esquecer,
 que estiola e mata
 o malquerer.
 Antes viver
 o que na vida
 outros viveram
 com igual história,
 e hoje - na glória
 em que jazeram
 torna com vida
 para viver...

(projeção das colunas do Alvorada e das Naus do Descobrimento)

Voz E ensinar, sem cansaço,
 quanto as velas sugerem
 e as colunas
 firmam como lição.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM

ORIENTAÇÃO - A C R E

Oropa, França e Bahia*Ascenço Ferreira*

Num sobradão arruinado,
Tristonho, mal assombrado,
Que dava fundos pra terra
Para ver marujos
Tiruliluliu
Quando vão pra guerra...
Que dava fundos pro mar.
Para ver marujos,
Tiruliluliu
Ao desembarcar.

... Morava Manuel Furtado
português apatacado
com Maria de Alencar

Maria, era uma cafuza,
cheia de grandes feitiços
Ah os seus braços roliços
Ah os seus peitos maciços
Faziam Manuel babar...

A vida de Manuel
que louco alguém o dizia,
era vigiar as janelas
tôda noite e todo o dia,
as naus que ao longe passavam,
De oropa, França e Bahia

- Me dá uma nau daquelas,
 lhe suplicava Maria
 - Estás idiota, Maria
 Essas naus foram vintena
 que eu herdei de minha tia
 Por todo o ouro do mundo
 eu jamais as trocaria

Dou-te tudo o que quiseres;
 Dou-te chale de Tomquim
 Dou-te uma saia bordada
 Dou-te leques de marfim
 Queijos da Serra da Estrôla,
 Perfumes de Benjamin...

Nada.

A mulata só queria
 Que Seu Manuel lhe desse
 uma^s nauzinha daquelas,
 Inda a mais pichitinha,
 P'ra ela ir ver essas terras
 de Oropa, França e Bahia

- Oh Maria hoje nós temos
 vinhos da Quinta do Aguirre,
 Uma queijadas de Cintra,
 Só p'ra tu te distraíre
 dêsse pensamento ruim...

- Seu Manuel, isso é besteira
 eu prefiro uma macacheira
 com Galinha Oxinxim

O lua que alumiais
 Este mundo, meu Deus
 Alumia a mim também
 Que ando fora dos meus...
 Cantava Seu Manuel
 espantando os males seus

Eu sou mulata dengosa
 linda, faceira, dengosa,
 qual outras brancas não são...
 Cantava forte Maria,
 Pisando fubá de milho,
 lentamente, no pilão...

Uma noite de luar
Que estava mesmo taful,
Mais de 400 naus,
surgiram vindas do sul...
-Ah Seu Manuel... isso chega!
Danou-se de escada abaixo,
Se atirou no mar azul.

- Onde vais mulhé?
Vou me daná no carrosé...
- Tu não vais, mulhé,
Mulhé, tu não vai lá...

Maria atirou-se n'água,
Seu Manuel seguiu atrás...
- Quero a mais pichitinha!...
Raios te partam, Maria
Essas naus são meus tesouros,
ganhou-as matando mouros
o marido de minha tia
Vêm dos confins do mundo...
De oropa, França e Bahia.

Nadavam de mar em fora...
Manoel atrás de Maria!
Passou-se uma hora outra hora
e as naus nenhuma atingia
Faz-se um silêncio nas águas
Cadê Manuel e Maria?

De madrugada na praia
e as naus nenhuma atingia
Faz-se um silêncio nas águas
Cadê Manuel e Maria?

De madrugada na praia
dois corpos o mar lambia
Seu Manuel era um boi morto,
Maria, uma cotovia!

E as naus de Manuel Furtado
Herança de sua tia?

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO - CIEM

ORIENTAÇÃO - A C R E

Oropa, França e Bahia

Num sobradão arruinado,
Tristonho, mal assombrado,
Que dava fundos pra terra
Para ver marujos
Tiruliluliu
Quando vão pra guerra...
Que dava fundos pro mar.
Para ver marujos,
Tiruliluliu
Ao desembarcar.

... Morava Manuel Furtado
português apatacado
com Maria de Alencar

Maria, era uma cafuza,
cheia de grandes feitiços
Ah os seus braços roliços
Ah os seus peitos maciços
Faziam Manuel babar...

A vida de Manuel
que louco alguém o dizia,
era vigiar as janelas
tôda noite e todo o dia,
as naus que ao longe passavam,
De oropa, França e Bahia

- Me dá uma nau daquelas,
lhe suplicava Maria
- Estás idiota, Maria
Essas naus foram vintena
que eu herdei de minha tia
Por todo o ouro do mundo
eu jamais as trocaria

Dou-te tudo o que quiseres:
Dou-te chale de Tomquim
Dou-te uma saia bordada
Dou-te leques de marfim
Queijos da Serra da Estrêla,
Perfumes de Benjamin...

Nada.

A mulata só queria
Que Seu Manuel lhe desse
uma^s nauzinha daquelas,
Inda a mais pichititinha,
P'ra ela ir ver essas terras
de Oropa, França e Bahia

- Oh Maria hoje nós temos
vinhos da Quinta do Aguirre,
Uma queijadas de Cintra,
Só p'ra tu te distraíre
dêsse pensamento ruim...

- Seu Manuel, isso é besteira
eu prefiro uma macacheira
com Galinha Oxinxim

O lua que alumiais
Este mundo, meu Deus
Alumia a mim também
Que ando fora dos meus...
Cantava Seu Manuel
espantando os males seus

Eu sou mulata dengosa
linda, faceira, dengosa,
qual outras brancas não são...
Cantava forte Maria,
Pisando fubá de milho,
lentamente, no pilão...

Uma noite de luar
Que estava mesmo taful,
Mais de 400 naus,
surgiram vindas do sul...
- Ah Seu Manuel... isso chega!
Danou-se de escada abaixo,
Se atirou no mar azul.

- Onde vais mulhé?
Vou me daná no carrosé...
- Tu não vais, mulhé,
Mulhé, tu não vai lá...

Maria atirou-se n'água,
Seu Manuel seguiu atrás...
- Quero a mais pichitinha!...
Raios te partam, Maria
Essas naus são meus tesouros,
ganhou-as matando mouros
o marido de minha tia
Vêm dos confins do mundo...
De oropa, França e Bahia.

Nadavam de mar em fora...
Manoel atrás de Maria!
Passou-se uma hora outra hora
e as naus nenhuma atingia
Faz-se um silêncio nas águas
Cadê Manuel e Maria?

De madrugada na praia
e as naus nenhuma atingia
Faz-se um silêncio nas águas
Cadê Manuel e Maria?

De madrugada na praia
dois corpos o mar lambia
Seu Manuel era um boi morto,
Maria, uma cotovia!

E as naus de Manuel Furtado
Herança de sua tia?

- Continham mar em fora,
navegando noite em dia
Caminham para Pasárgada
Para o reino da poesia!
Herdou-as Manuel Bandeira
Que, ante minha choradeira,
me deu a menor que havia

- as eternas naus do sonho,
de Oropa, França e Bahia...

/J.A.C.O.--

(Cessa tudo - silêncio)

(Música)

Entram "Todo-Mundo" e Ninguém, com as tabuletas)

Ninguém - Gil Vicente o autor
me fêz seu embaixador.
Mas eu tenho na memória
que para tão alta história
nasceu mui baixo doutor.

(PAUSA)

(Música)

(Entra Todo-Mundo como se estivesse a procura de alguma coisa.)

NINGUÉM - Que andas tu aí buscando?

TUDO O MUNDO - Mil coisas ando a buscar:

Delas não posso achar
Porém ando perfurando
Por que é bom perfurar.

NINGUÉM - Como háis nome cavalheiro?

TUDO O MUNDO - Eu hei nome TODO O MUNDO

e meu tempo todo inteiro
sempre é buscar dinheiro
E sempre nisto me fundo.

NINGUÉM- Eu hei nome Ninguém
e busco a consciência

BELZEBÚ - Esta é boa experiê[^]ncia:
Dinato, escreve isto bem.

DINATO - Que escreverei, companheiro?

BELZEBU - Que Ninguém busca consciência
E Todo o Mundo dinheiro.

NINGUÉM - E agora que buscas lá?

TUDO O MUNDO- Busco honras.

NINGUÉM- E eu virtude, que Deus mande que tope com ela já.

BELZEBÚ - Outra adição nos acude
escreve logo aí a fundo.

cont.

- BELZEBÚ - Que honras busca Todo o Mundo
E Ninguém busca virtude
- NINGUÉM - Buscas outro bem por que ésse.
- TODO O MUNDO - Busco mais quem me louvasse
Tudo quando eu fizesse.
- NINGUÉM - E eu quem me repreendesse
Em cada coisa que errasse
- BELZEBU - Escreve mais
- DINATO - Que tens sabido?
- BELZEBÚ - Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado
E Ninguém repreendido
- NINGUÉM - Buscas mais, amigo meu?
- TODO O MUNDO - Busco a vida e quem ma dê?
- NINGUÉM - A vida não sei o que é,
a morte conheço eu.
- BELZEBU - Escreve lá outra sorte
- DINATO - Que sorte?
- BELZEBU - Mui garrida:
Todo o Mundo busca a vida
E Ninguém conhece a morte
- TODO O MUNDO - E mais queria o paraíso
Sem no ninguém estorvar.
- NINGUEM - E eu ponho-me a pagar,
Quanto devo para isso.
- BELZEBÚ - Escreve com muito aviso
- DINATO - Que escreverei?
- BELZEBÚ - Escreve: que Todo o Mundo quer paraíso e
Ninguém paga o que deve.

(Música Final)

F - I - M

tn

Plano. Sr. chefe do serviço de censura de diversões públicas

O TEATRO DE MÁSCARA DA UNIVERSIDADE

de BRASÍLIA, vem solicitar de Vossa Senhoria, censura para a peça AS CARAVELAS, que será exibida no I festival de teatro de estudante, a se realizar em Arcozêlo, por meio do embaixador Paschoal Carlos Maguê.

do Censos
delecar, para
exame e parecer.
Brasília, 24.05.66
[Signature]

Reubi para exame em 24-5-66.

Nestes termos
Peço deferimento

M. E. Wotzasek

Brasília, 13 de maio de 1966

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Protocolo N.º 3414

Em 13/05/1966

Interessado M. E. Wotzasek

Protocolista [Signature]

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

Em 23 de _____ de 19 _____